

A evidencialidade em construções complexas

Valéria Vendrame¹

¹Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista
Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

valvendrame@yahoo.com.br

Resumo. *Este trabalho tem como objetivo analisar as orações de natureza completiva cujo predicado encaixador refere-se a um elemento evidencial. Pretendemos investigar as propriedades sintáticas, semânticas e discursivas deste tipo de construção complexa em artigos científicos primários, publicados em três revistas especializadas: Alfa – Revista de Linguística, Naturalia e Matemática e Estatística.*

Palavras-chave. *Funcionalismo; construções encaixadas; evidencialidade.*

Abstract. *This work aims at analyzing complex constructions whose embedding predicate is an evidential element. We intend to examine the syntactic, semantic and discursive properties of this kind of complex construction in research papers, published in the following specialized magazines: Alfa – Revista de Linguística, Naturalia and Matemática e Estatística.*

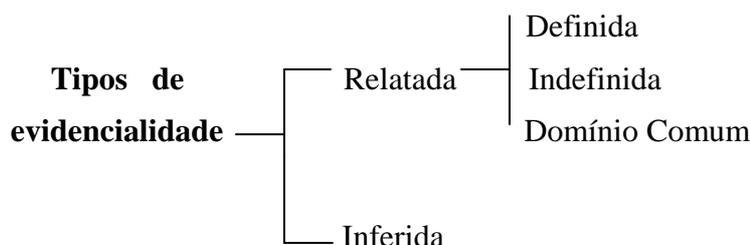
Keywords. *Functionalism; complex constructions; evidentiality.*

1. A evidencialidade

A evidencialidade tem sido abordada a partir de diferentes pontos de vista, quer pertencendo ao paradigma da modalidade epistêmica ou não. De um modo geral, ela é entendida como a expressão do tipo de evidência que sustenta uma afirmação factual e pode ser expressa tanto por meios lexicais quanto por meios gramaticais. Em língua portuguesa, apenas meios lexicais codificam a qualificação evidencial.

Uma vez que existem diferentes maneiras pelas quais o falante pode ter acesso às informações, diversos são também os tipos de evidencialidade. De acordo com Willett (1988), são distinguidos dois tipos de evidência, a direta e a indireta. Os mecanismos de evidência direta são utilizados quando o falante é testemunha direta do fato relatado, ou seja, o falante declara-se fonte do saber relatado e ainda informa que viu, ouviu, ou teve algum contato sensorial com o fato qualificado evidencialmente. A evidência indireta, por sua vez, é utilizada quando o falante chega à conclusão por pensamento lógico ou por resultados observáveis (inferida) ou quando recebe a informação de terceiros (relatada). A evidencialidade relatada pode ser ainda subdividida em: definida (quando a fonte é explicitada), indefinida (quando apenas se

remete à existência da fonte, sem explicitá-la) e de domínio comum (quando a fonte da informação é um saber assumido como compartilhado). Levando em conta a tipologia proposta por Willett (op. cit.), Dall'Aglio-Hattner (2001) e Gonçalves (2003) afirmam que, em português, quando a fonte da informação é o próprio falante, parece não haver a necessidade do uso da evidencialidade, dessa forma, diferentemente de outras línguas, o português não marca a evidencialidade direta. A seguir, expomos a tipologia proposta por Dall'Aglio-Hattner (op. cit.) e adotada neste trabalho:



Embora sejam muitas as formas de expressão da evidencialidade, neste trabalho, trataremos apenas dos verbos evidenciais, uma das formas de expressão que permite que suas posições argumentais sejam preenchidas por um complemento sentencial. Para tentarmos estabelecer uma tipologia das construções complexas que contêm predicados evidenciais, adotamos, como base teórica de nosso estudo, a Gramática Funcional de linha holandesa. O corpus utilizado neste trabalho diz respeito a cinco artigos de cada uma das seguintes revistas: *Alfa – Revista de Lingüística, Naturalia e Matemática e Estatística*. Os símbolos A, N e M, que seguem os exemplos abaixo, são uma remissão às três revistas respectivamente.

2. As construções complexas na Gramática Funcional

Para a análise das expressões lingüísticas, Dik (1997a) propõe um modelo no qual as orações se organizam em camadas hierarquicamente estabelecidas que representam diferentes tipos de entidades. Segundo o autor (id., p.50), “a estrutura subjacente é uma estrutura abstrata complexa na qual diferentes níveis ou ‘camadas’ de organização formal e semântica devem ser distinguidos”. A estrutura subjacente da oração pode ser assim descrita (em ordem crescente de complexidade): nível 1: predicados e termos; nível 2: predicação; nível 3: proposição e nível 4: ato de fala

O fenômeno da complementação é definido como o estado gramatical em que uma predicação, proposição ou oração funciona como um argumento de um predicado, ou seja, a informação que a construção encaixada contém é essencial para a integridade da construção como um todo (cf. Noonan, 1985; Dik, 1997b). De um modo geral, nas palavras de Dik (1997b, p.94), as “construções encaixadas [são] termos complexos que contêm construções encaixadas como restritores”. Assim, segundo Hengeveld (1989), Bolkestein (1990) e Dik (1997a, 1997b), as diferentes camadas de organização formal e semântica que representam as orações principais também são relevantes para a representação das construções encaixadas. A estrutura hierárquica das orações principais, exposta anteriormente, pode, portanto, representar também os diferentes tipos de estruturas encaixadas. Dessa forma, são distinguidos três tipos de complementos: predicações encaixadas, proposições encaixadas e orações encaixadas, sendo que o emprego de um ou outro tipo é determinado pelas propriedades semânticas específicas de cada tipo de predicado matriz.

Tendo em vista que os predicados evidenciais indicam a maneira como a informação contida no complemento encaixado foi adquirida e também codificam uma atitude do falante em relação a tal informação, os complementos desses predicados podem assumir tanto a forma de uma afirmação ou relato de uma afirmação, sendo encaixados em um predicado do tipo verbo de *dizer*, quanto a forma de uma proposição, sendo encaixados em um predicado de atitude proposicional. Isso posto, e considerando a tipologia das construções encaixadas proposta por Dik (1997b), constatamos que a evidencialidade é codificada nas camadas mais superiores da hierarquia das orações. Ficam excluídos, portanto, da tipologia dos evidenciais, os complementos predicacionais, que designam estado-de-coisas (EsCo).

Os argumentos de predicados evidenciais podem assumir a função de sujeito ou de objeto. No cópup analisado, são mais freqüentes os que ocupam a posição argumental de objeto. Do total de 71 ocorrências de construções encaixadas encontradas em nosso cópup, as que ocupam a posição de objeto correspondem a mais da metade (70% - 51/71), quando comparadas aos complementos com função de sujeito, que somam, portanto, 30% (20/71). Relacionaremos, agora, esses dados com a tipologia das construções encaixadas proposta por Dik (1997b). O autor (id., p.106) distingue quatro tipos de predicados que encaixam termos proposicionais, segundo a semântica do predicado matriz. São eles:

- i) *predicados de atitude proposicional* (especificam a atitude – intelectual ou emocional – de um falante em relação aos fatos possíveis designados pelo complemento proposicional);
- ii) *predicados de manipulação proposicional* (indicam alguma tentativa por parte do falante de induzir uma certa atitude proposicional no ouvinte);
- iii) *predicados de (aquisição/perda de) conhecimento* (indicam aquisição mental, posse ou perda de fatos designados pelo complemento proposicional);
- iv) *predicados de percepção mental* (indicam “percepção indireta” do fato designado pelo termo do complemento proposicional).

Dentre os quatro subtipos expostos acima, apenas os predicados de manipulação proposicional não servem à qualificação evidencial. Os predicados de percepção mental, apesar de codificarem evidencialidade, não ocorreram em nosso cópup. Os termos proposicionais encaixados nos outros dois subtipos de predicados – *predicados de atitude proposicional* e *predicados de (aquisição/perda de) conhecimento* – podem assumir tanto a função de sujeito como a de objeto dos predicados matrizes, como será ilustrado posteriormente.

A respeito dos predicados que designam ou implicam atos de fala – representados por “Predicado Dizer” na tabela 1, abaixo – Dik afirma que são muitas as formas em que se apresentam os complementos oracionais, mas, de um modo geral, elas podem ser pensadas como constituindo um *continuum* que varia entre os extremos de discurso direto e discurso indireto. “Em ambos os casos, de discurso direto e indireto, podemos falar de um ‘complemento oracional’: embora no discurso direto a oração encaixada conserve sua completa independência e não seja, de modo algum, marcada como subordinada à oração matriz, ela ocupa uma posição de argumento”. (Dik, 1997b, p.96).

A questão das construções encaixadas em verbos de dizer parece ser um ponto que gera bastantes discussões. Dik (op.cit.), embora reconheça as diferenças entre o discurso direto e o indireto, sustenta que tanto o discurso direto quanto o indireto encaixam complementos oracionais. Trabalhos anteriores a Dik (op. cit.) já abordavam o assunto. Como podemos ver em Hengeveld (1989, p.146), os relatos em discurso indireto são considerados similares aos predicados de atitude proposicional (cf. também Noonam, 1985), não representando o mesmo tipo de entidade que os complementos de discurso direto. Seguindo a mesma linha, Bolkestein (1990) diz que, uma vez que em latim e em outras línguas os complementos de discurso indireto podem conter tanto expressões pertencentes ao nível proposicional quanto expressões pertencentes ao nível ilocucionário, tais complementos representam entidades do tipo proposicional revestidas de força ilocucionária básica (op. cit., p.78-79). Assim, para a autora, além da distinção entre oração, proposição e predicação, é necessário que se identifique uma outra camada, localizada entre a oração e a proposição, para definir o comportamento dos complementos de discurso indireto. Hengeveld (comunicação pessoal), em sua reformulação da Gramática Funcional para uma Gramática Funcional do Discurso, considera que os relatos em discurso indireto correspondem a proposições que, no nível interpessoal, representam um conteúdo comunicado. Essa nova proposta é adotada neste trabalho.

3. Análise dos dados

A tabela abaixo mostra a distribuição dos diferentes predicados, a posição argumental de seus complementos e o tipo de evidencialidade que a construção codifica:

Tabela 1. Tipo de evidência, tipo de predicado e posição argumental da construção encaixada.

Tipo de evidência		Predicado		Predicado		Predicado		Total	
		Conheci.		Atitude		Dizer			
		S	O	S	O	S	O	S	O
Relatada	Definida	-	6	-	8	-	28	-	42
	Indefinida	-	-	2	-	2	-	4	-
	Domínio Comum	2	-	-	-	-	-	2	-
Inferida		-	-	14	9	-	-	14	9
Total		2	6	16	17	2	28	20	51
		8		33		30		71	

Os dois casos de predicados de conhecimento com complemento na posição de sujeito dizem respeito às duas ocorrências de participio ocorridas no *córpus*, o que é exemplificado em (1), abaixo:

(1) ... *é sabido* que a sociolinguística variacionista muito se beneficiou das narrativas de experiência pessoal como rica fonte para obtenção de dados. (A4)

Nesse caso, há uma evidência que se assenta em um conhecimento assumido como de domínio comum. Ao utilizar este tipo de evidência, o falante apresenta a

informação como um conhecimento consolidado na comunidade científica, cabendo ao leitor avaliar se a informação é confiável ou não.

Nas outras seis ocorrências, com o complemento na posição de objeto, encontramos verbos do tipo *saber* e *reconhecer* com o sujeito designando a fonte ou o possuidor do conhecimento exposto na construção encaixada, como vemos em (2):

(2) Ferreira (1989) *reconhece* que, para se dispensar o referido conceito, faz-se necessária uma reformulação da própria definição de prefixo. (A2)

Nesse caso, ao utilizar a evidência relatada definida, o falante, ao mesmo tempo em que se descompromete com o conteúdo de tal informação, também busca a credibilidade do leitor, mostrando que tem conhecimento acerca da área do saber sobre a qual faz suas considerações. Como se pode ver pela tabela acima, este tipo de evidencialidade foi o mais produtivo em nosso corpus, o que demonstra a necessidade, nos artigos científicos primários, de se explicitar precisamente a fonte das informações.

Os predicados de atitude proposicional que ocorreram em nosso corpus têm, quase na mesma proporção, construções encaixadas na posição de sujeito e de objeto. Dos 16 casos de predicados de atitude proposicional com o complemento na posição de sujeito, 15 dizem respeito ao predicado *parecer*; como exemplificado em (3):

(3) Além disso, encontrar a constante normalizadora de $p(N/t)$ *parece* ser tarefa bastante complicada, ... (M1)

Nesse caso, o falante mostra que obteve a informação por meio de uma inferência própria; no entanto, não é feita uma especificação da evidência na qual está baseada a inferência.

Das 17 ocorrências de predicados de atitude proposicional com construções encaixadas na posição de objeto, oito apresentam o sujeito como fonte relatada explícita (definida) da informação contida no complemento, com predicados como: *considerar*, *argumentar* e *concluir* (4). Nas outras nove ocorrências, encontramos predicados do tipo *acreditar* e *crer* na primeira pessoa do singular e do plural, o que significa que o falante apresenta-se como autor ou co-autor da inferência (5).

(4) Thomas & Esteves *consideram* que as macrófitas aquáticas apresentam um grande potencial para a produção de forragem. (N5)

(5) ... *cremos* que, no português, (...), o fenômeno da vulgarização de teleacarretou outros sentidos, não encontrados, (...), no francês ou mesmo no português europeu. (A2)

Como podemos ver na tabela acima, os predicados de dizer também encaixam complementos na posição de sujeito (6), o que é pouco frequente, e na posição de objeto (7):

(6) *Diz-se* que há reativação se a probabilidade de identificação do estímulo original aumentar significativamente (A5)

(7) Thompson (1984) e Ford (1988) *afirmam* que a diferente localização das orações de tempo se correlaciona com papéis textuais diferenciados. (A1)

A construção em (6) implica uma certa indefinição em relação à fonte de evidência. Nesse caso, foi utilizada uma evidencialidade relatada de fonte indefinida, em que o falante, sem ter como ou não querendo registrar a fonte de sua informação,

apenas indica sua existência, deixando subentendido que ele próprio não é a origem da informação. Já em (7), e em todos os outros casos deste tipo, o sujeito contém a fonte relatada definida da informação contida na construção encaixada na posição de objeto.

4. Considerações finais

Pelos dados analisados, podemos depreender que quando se utiliza evidencialidade relatada definida, a informação é necessariamente apresentada na posição argumental de objeto e sua fonte encontra-se na posição de sujeito do predicado matriz; no entanto, quando a fonte da informação é desconhecida ou não se deseja explicitá-la, ou quando a informação refere-se a um conhecimento de domínio comum, opta-se por fazer da informação apresentada no complemento o sujeito do predicado matriz. Quando a informação é uma inferência, a construção encaixada aparece tanto na forma de sujeito quanto na de objeto. Assim, no estudo da evidencialidade, tão importante quanto a análise dos predicados matrizes é o exame acurado das construções encaixadas.

Referências

- BOLKESTEIN, A. Machtelt. Sentential complements in Functional Grammar: Embedded predications, propositions, utterances in Latin. In: NUYTS, J.; BOLKESTEIN, A. M.; VET (Ed.). *Layers and levels of representation in language theory: a functional view*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, p.71-100, 1990.
- DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. *Evidencialidade e modalidade: forma e função*. (Relatório de pesquisa). São Paulo: FAPESP, 2001.
- DIK, Simon. *The Theory of Functional Grammar*. Part I: The structure of the clause. 2nd.ed. Dordrecht: Foris, 1997a.
- _____. *The Theory of Functional Grammar*. Part II: Complex and derived constructions. 2nd.ed. N.Y.: Mouton de Gruyter, 1997b.
- GONÇALVES, Sebastião, C. L. Orações subjetivas e teoria dos protótipos. *Scripta*, v.5, 9, p.183-196, 2001.
- _____. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. 2003. 250 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos Lingüísticos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- HENGEVELD, Kees. Layers and operators in functional grammar. *Journal of Linguistics*, v.25, p.127-157, 1989.
- LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, p.787-849.
- NOONAN, M. Complementation. In: SHOOPEN, T. (Ed.) *Language Typology and Syntactic Description: Complex Constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, p.43-140, 1985.
- WILLET, T. A cross-linguistic survey of the grammaticalization of evidentiality. *Studies in Language*, v.12, 1, p.51-97, 1988.